

Editorial

Uma das principais características dos estudos acadêmicos sobre os fenômenos da Comunicação está no inevitável potencial transdisciplinar que marca esse campo. O número 11 da Revista **Alceu** é um exemplo disso.

Abrimos a revista com dois artigos escritos por antropólogos, mas cujos objetos de análise são trocas comunicacionais. José Carlos Rodrigues escreve sobre a “cultura da imagem”, a “civilização do olhar”, que transformou a visão em importante critério da verdade nas mais diferentes áreas do conhecimento, mas debruça-se particularmente na da Comunicação. O texto de Everardo Rocha analisa as representações da natureza, de animais em particular, e do ser humano nos anúncios publicitários. Ao investigar as razões da presença recorrente dos animais nos anúncios e o próprio anúncio como lugar onde se dá a interação social, o autor nos revela como o discurso publicitário constrói as categorias de natureza e cultura.

Em seguida, apresentamos um conjunto de três artigos onde alguns aspectos dos temas violência, homossexualidade e música são estudados nas suas representações midiáticas. As relações da mídia e as novas tecnologias com o fenômeno complexo da violência, relacionada à infância e à adolescência, é o tema do artigo assinado, entre outros, por Irene Rizzini. O texto de Gisele Nussbaumer analisa duas comunidades *gays* criadas na internet a partir de listas de discussão, a Listagls e a E-

jovens, onde se destaca a importância do papel da escrita de si nessas comunidades. Os fundamentos do romantismo, a polêmica música de Wagner, sua simbologia e seus mitos são os assuntos tratados no ensaio escrito por Antonio Blundi.

O jornalismo está presente nos três artigos que seguem. O trabalho de Arthur Ituassu trata da falência da objetividade e relativiza a prática jornalística a partir da crise do sujeito, do objeto e do modo de representação modernos. O Barão de Itararé é tema do artigo assinado por Marialva Barbosa, onde o nobilíssimo humorista e jornalista é alvo de diferentes e reveladores discursos ficcionais. Carlos Nobre assina texto que procura refletir sobre a cobertura da ação policial nos morros e favelas da cidade do Rio de Janeiro, e de como repórteres e policiais tiveram que se readaptar profissionalmente para enfrentar o crescimento e a modernização do narcotráfico na cidade.

Interculturalidade, Chico Buarque e mercado de arte são os principais temas dos textos seguintes. O ensaio de Daniel Mato argumenta que as práticas socioeducativas e de produção de conhecimento que desenvolvemos em espaços acadêmicos – que historicamente se apresentam como os únicos legítimos – precisam reconhecer e valorizar que em outros contextos sociais e institucionais são estabelecidos diferentes tipos de perguntas e métodos para respondê-las. Mariângela Paraizo faz um corte na obra de Chico Buarque enfocando as diferentes representações da cidade. Destacar o mercado de arte como um lugar para se pensar os hábitos de consumo e os circuitos de bens simbólicos nas sociedades globalizadas é o objetivo do trabalho assinado por Roberto Veiga.

Fechamos este número 11 com dois textos que nos remetem à política. O primeiro deles, assinado por Miguel Pereira, analisa a forma pela qual três documentários brasileiros contemporâneos representam a política como uma forma de exercício do poder. São eles: *Entreatos*, de João Moreira Salles, *Vócação do poder*, de Eduardo Escorel e José Joffily e *Utopia e barbárie*, de Silvio Tendler. Por fim, o artigo assinado por Roberto Amaral, que tem como tema central o movimento estudantil na história política recente do Brasil, explica o imobilismo caracterizador da atual fase da vida política brasileira pela renúncia, por parte das elites, à elaboração de um projeto de nação.

Boa leitura e boas idéias!

Fernando Sá